

## O ARTIGO DEFINIDO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Viviane Cunha  
UFMG

O artigo é a parte do discurso que indica o gênero, o número, a determinação ou indeterminação de um substantivo e, como se sabe, não é uma classe universal, algumas línguas não carecem dele.

Este trabalho tem como objetivo estudar o artigo definido nas línguas românicas, através de uma perspectiva diacrônica, usando-se para isto o método histórico-comparativo. Pretende-se, assim, mostrar como a evolução do pronome *ille* foi diversificada na România, tentando explicar os processos envolvidos, centrando a análise, nas línguas nacionais.

Como o artigo não existia no latim pode-se dizer que ele é uma criação românica. Por criações românicas entendo que são as inovações que se difundiram na época do romanço (entre os séculos V e IX DC), a partir do latim, em todo o território da România. Nessa fase, vários tempos verbais passaram por uma reestruturação semântica, houve uma mudança Funcional entre vários instrumentos gramaticais. O léxico também sofreu muitas mudanças semânticas. Algumas dessas mudanças já se evidenciavam no próprio latim vulgar. As línguas, porém, não criam a partir do nada, elas apenas recriam. Uma dessas (re)criações foi o artigo definido, que nas línguas românicas serve como determinante do substantivo do qual é morfema exclusivo.

Karl Vossler<sup>1</sup> afirma que os latinos não necessitavam do artigo, porque os objetos de que falavam, eles os tinham vivos e presentes no seu interior. Não possuindo o latim artigo definido, a língua expressava essa noção através de pronomes demonstrativos. Tal fato não é de se surpreender. Segundo Iordan e Manoliu<sup>2</sup> o demonstrativo indica uma relação de distância entre o objeto e o espaço ou tempo em que se realiza a comunicação. O artigo definido românico

<sup>1</sup> VOSSLER. *Cultura y lengua de Francia*, p. 109.

<sup>2</sup> IORDAN e MANOLIU. *Manual de lingüística románica*, p.246.

é, pois, resultante de uma mudança da noção dêitica dos pronomes demonstrativos *ille* mais abrangente, especialmente no caso das línguas nacionais e *ipse* (menos abrangente na România).

A mudança semântica e morfossintática que ocorreu do latim para as línguas românicas em relação ao pronome demonstrativo > artigo está relacionada a uma série de fatores, não apenas extrínsecos, mas sobretudo intrínsecos. A grande mudança do latim para as línguas românicas é, principalmente, de ordem tipológica. O latim deixa de ser uma língua que expressa relações morfossintáticas através de desinências casuais e transforma-se numa língua que requer expressões mais analíticas para clareza da comunicação. A perda do acento de quantidade no latim vulgar tardio (s. III D.C.), associada à perda dos fonemas finais, faz acentuar ainda mais a igualdade das formas casuais, que por si só já eram muito semelhantes, o que faz com que essas deixem de ser funcionais. Em razão disto, vão surgir os determinantes para maior clareza da expressão lingüística. Assim, se generaliza o uso das preposições. Os casos que as possuíam eram apenas o ablativo e o acusativo. Tendo o último suplantado o primeiro, do que nos dá documentação, entre outras fontes, o *Appendix Probi*, nas correções 220 e 221 (*nobiscum non noscum e vobiscum non voscum*), o acusativo é o caso que permanece, dando origem ao léxico românico. Da mesma maneira que cresce o uso das preposições, surge o determinante do nome.

Autores de renome, como Vossler e Wartburg atribuem à influência grega o aparecimento do artigo nas línguas românicas. Para Wartburg<sup>3</sup>, o aparecimento do artigo é uma das manifestações mais curiosas no âmbito do analitismo. Segundo ele, esta parte do discurso que não existia no latim, a possuía o grego, desde a época clássica. Na opinião do autor, o artigo convida o interlocutor a imaginar uma determinada pessoa ou um determinado objeto e não outro. Com ele se quer apresentar a pessoa ou o objeto em questão. O latim vulgar seguindo nisto o exemplo do grego, começou a usar pouco a pouco, neste sentido, os pronomes demonstrativos, debilitando-os.

Penso, porém, que esta hipótese não se sustém, pois o contato maior da língua grega com a latina foi na antigüidade. Na época em que a Grécia esteve sob o domínio político de Roma, o grego exerceu uma influência de adstrato no latim, isto é indubitável. A época em que se supõe o aparecimento do artigo nas línguas românicas é por volta do ano 700, portanto, na fase final do romance. O contato do latim oral com o grego não era tão intenso nessa época, pelo menos no que se refere ao Império Romano do Ocidente.

<sup>3</sup> WARTBURG. *Evolución y estructura de la lengua francesa*, p.42-43.

O que ocorreu em relação à mudança de língua sintética para analítica, quanto ao latim, e no caso, latim vulgar, esta sim, é uma questão que pode ter como fator influenciador a história externa, isto é, os contatos lingüísticos. O mundo românico, tal como hoje, era constituído de povos os mais variados, portanto, maneiras diferentes de expressar o mundo. O que procurarei acentuar neste trabalho é que ocorreu, do latim para as línguas românicas, uma mudança semântica e funcional, com repercussão na sintaxe, morfologia e fonologia, isto é, mudança de ordem interna.

Conforme já disse antes, o latim, não possuindo artigo, exprimia essa noção através do pronome demonstrativo *ille*. Alguns autores afirmam que houve um esvaziamento da deixis desse pronome. Penso, porém, que a noção dêitica permanece no artigo que continua *apontando para*, conforme se pode verificar nos exemplos das cinco línguas românicas nacionais: *o* menino (port.), *el* pájaro (esp), *la* lune (fr), *il* giorno (it.) e *calul* (rom.). O *apontar para*, que é um movimento no espaço, passa a ser um movimento mental, isto é, acontece antes na mente do falante. O que ocorreu no latim tardio do século IV foi uma mudança de função do pronome demonstrativo *ille*, que passou a pronome pessoal. Posteriormente, já na fase do romanço, este passou a artigo definido.

Os pronomes demonstrativos no latim eram, na forma de nominativo singular, 1ª pessoa, *hic* (M), *haec* (F), *hoc* (N); 2ª pessoa, *iste* (M), *ista* (F), *istud* (N) no eixo falante-ouvinte e 3ª pessoa *ille* (M), *illa* (F), *illud* (N), que estava fora do eixo falante-ouvinte, e ainda *ipse* (M), *ipsa* (F), *ipsum* (N), indicando identidade. *Hic* desaparece desde a época de César (S.I A.C.). *Iste* passa então a ser pronome de 1ª pessoa e *ipse* de 2ª pessoa. *Ille* permanece de 3ª pessoa, mas começa a mudar de função no próprio latim vulgar, especialmente na fase tardia, da mesma maneira que se confunde então com *ipse*. Já por volta do final do século IV D.C. a *Peregrinatio ad Loca Sancta* registra essa mudança funcional, da qual citarei alguns exemplos arrolados por Vossler:<sup>4</sup>

1. ...cum *illa* epistola, quam dixeram...

‘com a carta que mencionei’

2. ...cum ergo venissemus ad portam *ipsam*...

‘e chegando nós à porta’

3. ...et legit ibi *ipsas* epistolas...

‘e leu-nos ali as cartas’

<sup>4</sup> VOSSLER. *Cultura y lengua de Francia*, p. 110.

Para Wartburg<sup>5</sup>, que também cita esses exemplos, nessas passagens da *Peregrinatio*, o contexto impede de dar a *illa*, *ipsam* e *ipsas* um valor plenamente pronominal.

Lapesa<sup>6</sup> afirma que na *Peregrinatio* o emprego adnominal de *ille* e *ipse* é abundante e quase sempre se dá na anáfora, quando o demonstrativo acompanha um substantivo mencionado, ou dado a entender antes, como no exemplo:

“nam et ecclesia ibi est cum *presbytero*. Ibi ergo mansimus in ea nocte, et inde maturius die dominica cum *ipso presbytero*... coepimus ascendere montes” (III, 1)

‘está ali na igreja com o sacerdote. Ali, pois, permanecemos naquela noite e domingo, ao nascer do dia, começamos a subir cada um dos montes com o mesmo sacerdote.’

O filólogo espanhol acrescenta, ainda, que pode ser encontrado esse emprego também na catáfora, quando se anuncia o que será dito mais tarde, sobretudo com o antecedente de um relativo, conforme pode ser verificado nos exemplos:

1) “per *ualle illa quam dixi*” (I, 1);

‘pelo vale que mencionei’

2) “peruenimus in *summitatem illam* montis Dei Sancti Syna, *ubi* data est lex” (III, 2).

‘... no cimo do Monte de Deus Santo, o Sinai. onde a lei foi transmitida’.

A questão da debilitação dos demonstrativos *ille* e *ipse* e o surgimento do artigo não é ponto pacífico entre os autores que se ocuparam do assunto. Para Bourciez<sup>7</sup>, o enfraquecimento de *ille* e *ipse* começa por volta do século II D. C. Grandgent<sup>8</sup> situa a difusão do artigo no século IV D.C. e Wartburg<sup>9</sup> na época do baixo império (s. IV). Para Löfstedt (apud Lapesa) o artigo se constituiu na época em que cada língua românica seguia já seu rumo particular e não na época do latim vulgar, comum a toda a România.

Polêmicas à parte, quanto ao seu surgimento, não há dúvida de que o pronome demonstrativo latino *ille* foi o que teve maior produtividade na România. *Ipse* só passou ao sardo (su), ao gascão (se) e à variante catalã de Maiorca

<sup>5</sup> WARTBURG. *Evolución y estructura de la lengua francesa*, p.43.

<sup>6</sup> LAPESA. *Del demostrativo al artículo*, p.24.

<sup>7</sup> BOURCIEZ. *Éléments de Linguistique Romane*, p.247.

<sup>8</sup> GRANDGENT. *Introducción al latín vulgar*.

<sup>9</sup> WARTBURG. *Evolución y estructura de la lengua francesa*, p.44.

(cf. *sa casa*). Os artigos definidos das línguas românicas nacionais são pois resultantes de mudanças, não apenas funcionais, como também fonológicas, do pronome *ille*. Temos assim, no francês, as formas de artigo *le* (masc. sing.), *la* (fem. sing.) e *les* para ambos os gêneros; no italiano, *il* (masc. sing.) precedendo nomes iniciados por consoante, *lo* (masc. sing.) precedendo nomes iniciados por *z* ou *s* impuro (*lo zio*, *lo studente*), *i* (masc. pl.) diante de substantivos iniciados por consoante e *gli* (masc. pl.) para nomes com *s* impuro ou *z* inicial (*gli zii*, *gli studenti*), *la* (fem. sing.) e *le* (fem. pl.). É importante ressaltar aqui que as formas de plural, tanto do francês, com a desinência *s*, quanto as de italiano, com as desinências *i* e *e* são formas que se formaram do singular mais os morfemas de plural das respectivas línguas.

No romeno, a situação do artigo definido é um pouco mais complexa, posto que há formas diferentes de nominativo e genitivo. O estudo do artigo no romeno é, por si só, assunto para outro trabalho. Tentarei abordar aqui, de forma sucinta, essa complexidade. Como se sabe, o artigo romeno é posposto e aglutinado ao nome. Essa posposição é atribuída ao contato areal com as línguas balcânicas, que também o têm nessa posição, como o albanês, o búlgaro e o serbo-croata. O artigo masculino *ul* ou *l* é forma de nominativo singular para os nomes terminados em *u* (*codru/codrul*), em consoante (*om/omul*), em *a* (*tată/tatăl*) e *le* quando terminados por *e* (*frate/fratele*). O feminino singular tem o artigo *a* < *eua* < *illa*. No plural, o masculino é *i* < *ille* e o feminino *le* < *illae*. Além das formas de nominativo há também as de genitivo *al*, *a*, *ai*, *ale* que não se declinam e acompanham o pronome possessivo, o genitivo-dativo plural *alor*, mais usado na língua literária, bem como as formas *cel*, *cea*, *cei*, *cele* empregados como elemento de relação entre um substantivo e seu adjetivo atributo. (Iordan-Manoliu<sup>10</sup>). Segundo Iordan e Manoliu<sup>11</sup> esse artigo se desenvolveu como forma diferenciada do demonstrativo, a partir do século XVI, o que nos dá uma demonstração viva e direta da transformação do pronome demonstrativo > artigo, confirmando, assim, a teoria do pronome demonstrativo latino que se transformou em artigo definido nas línguas românicas.

No espanhol, encontram-se as formas de artigo *el* (masc. sing.), *lo* para os neutros (cf. *lo bueno*), *la* (fem. sing.). As formas de plural *los* (masc.) e *las* (fem.) são também analógicas, isto é, formadas do singular + *s*.

No português, o estudo do artigo é inseparável do estudo dos pronomes *lo*, *la*, *los*, *las* pois são todos provenientes da forma de acusativo latino *illu-*. Farei, aqui, um estudo fonológico mais detalhado, porque o português é a única língua românica que não conserva o // no artigo, ao lado daquelas que têm

<sup>10</sup> IORDAN e MANOLIU. *Manual de lingüística românica*, p.248.

<sup>11</sup> IORDAN e MANOLIU. *Manual de lingüística românica*, p.248-249.

o artigo proveniente de *ipse*. É conhecida a passagem no latim vulgar de  $\tilde{i} > /e/$ , presente no português, quando este herda daquele as sete vogais orais. Quando proclítico, o */l/* de *ello, ella, ellos, ellas* sofre aférese, dando as formas *llo, lla, llos, llas*, com posterior simplificação da geminada */ll/ > /l/* (*lo, la, los, las*), formas que se alternam no português arcaico (cf. *todollos* e *todolos* dias, apud Williams<sup>12</sup>). Posteriormente, seja porque vêm aglutinados aos nomes, como no exemplo acima, ou seja por causa de fonética sintática, quando *lo, la, los, las* são colocados numa seqüência de vocábulos e o */l/* fica intervocálico, ele sofre síncope. Segundo Williams<sup>13</sup> o artigo se desenvolveu mais comumente em posição intertônica, isto é, entre duas sílabas acentuadas do tipo *amei o filho...* Quando precedido por formas verbais terminadas em vogal, pelas preposições *a, de* e *para* pelas formas do singular de *todo*, o */l/* do artigo, sendo simples e intervocálico, caiu, conforme nos exemplos arrolados pelo autor:

- \* vejo-los livros > vejo os livros
- \* a-lo > ao
- \* de-lo > deo > do
- \* toda-la casa > toda a casa

Dáí teriam surgido as formas do artigo *o, a, os, as* que se irradiaram para outras posições. O desenvolvimento do pronome *o, a, os, as* contribuiu, sem dúvida, para a difusão das formas de artigo, segundo Williams<sup>14</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

1. VOSSLER, Karl. *Cultura y lengua de Francia*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1955.
2. IORDAN, I. e MANOLIU, M. *Manual de lingüística románica*. Madrid: Gredos, 1980. 2.vol.
3. WARTBURG, W. von. *Evolución y estructura de la lengua francesa*. Madrid: Gredos, 1966.
4. LAPESA, Rafael. "Del demostrativo al artículo". In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*, ano XV/1 e 2, p.23-44. México.
5. BOURCIEZ, E. *Éléments de linguistique romane*. Paris: Klincksieck, 1946.
6. GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: R- F. E., 1928.
7. WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
8. *Peregrinação de Etéria*. Introd. trad. do orig. latino e notas por Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1977.

\*\*\*

<sup>12</sup> WILLIAMS. *Do latim ao português*, p. 146.

<sup>13</sup> WILLIAMS. *Do latim ao português*, p. 145.

<sup>14</sup> WILLIAMS. *Do latim ao português*, p. 145.